

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ HISTÓRIA E IMAGINAÇÃO NAS ARTES

A imaginação é um traço que atravessa, enlaça e emaranha as artes, suas histórias, seus movimentos e seus processos. Ela está presente em toda a jornada de uma obra, tanto na criação quanto na experiência de quem com ela frui e de quem a analisa, da poética e da experiência estética à hermenêutica.

Um dossiê é uma documentação cujos textos se tangenciam, abrem interfaces uns aos outros, estabelecendo comunicações entre si para dar conta de um objeto/tema maior. É uma coletânea e uma curadoria. O dossiê História e Imagem reúne textos que apresentam relatos e análises sobre processos artísticos (entendendo-os de forma ampla, como movimento e registro) e suas imaginações (narrativa, formal, estética, visual, sonora, conceitual, corporal, espacial), sejam eles focados em artistas, seja em obras específicas. Desta forma, propõe-se o diálogo — e a crise, pois sem ela não existe escrita acadêmica! — com criações que nos ofereçam diferentes formas de ver, ouvir, sentir e pensar, através formas, rituais e suportes distintos. Imaginações delimitadas para que se consolidem as obras, que, por sua vez, permanecem abertas ao trânsito entre a forma (in)acabada (pois toda obra nasce como meio, quer se transformar na imaginação de quem a experiencia) e a imaginação como processo abstrato inacabável, que se movimenta e se retroalimenta para além das *fôrmas*.

Ao examinarmos os cânones ou propormos revisões históricas, ao analisarmos o presente e ao sonharmos e especularmos futuros, buscamos construir um panorama de ações e movimentações criativas na história das artes que nos estimulem a alcançar novos espaços imaginativos. Se é papel de um dossiê reunir documentos — ou seja, papéis que sintetizam histórias —, este se propõe a formar um mosaico de pistas: a pista da história recompensando a imaginação e a pista da imaginação recompensando a história. É incontornável, portanto, delimitarmos minimamente esses termos, um eternamente gestar de todos os tempos, que engendra fatos e ficções. Outro parto que assenta tempos de outrora.

Em seu *Palavras-chave*, Raymond Williams observa a tensão entre a concepção de imagem como cópia e a ideia que deságua em palavras como imaginação e imaginário. Sartre

afirma que esse primeiro sentido imagético opera uma metafísica ingênua, imitativa, que “consiste em fazer da imagem uma cópia da coisa, existindo ela própria como uma coisa” (2008, p. 9). Ele vai, no entanto, defender a superação dessa vista cartesiana ao dizer que a imagem é um tipo de consciência dotada de uma “opacidade do infinito” (2008, p. 16), imagem-ação de “um ser que se representa o mundo e a si mesmo no mundo” (2008, p. 21). A imaginação é, portanto, essa retroalimentação incessante, ambígua e assimétrica entre imagens e referentes, entre seres nos mundos e mundos dos seres, podendo variar entre pluralidades e singularidades. Movimento que, da caligrafia à câmera-caneta, da pincelada ao *pixel*, projeta um duplo interno/externo, cria mais imaginação ao passo que produz matéria e linguagem, registros complexos cuja permanência pode ser entendida e sistematizada. Marcas de mundos em mundos pertinentes à História, segunda palavra-chave desta edição.

Voltemos, portanto, a Williams, que lembra que a etimologia grega *istoria* tem sentido original de indagação, servindo tanto à narração de acontecimentos imaginários quanto de ocorrências verdadeiras. Nesse sentido, a história é também ação desencadeante de um processo que Williams caracteriza como “contínuo e conexo”. Eric Hobsbawm diz que “os historiadores são o banco de memória da experiência”, e a História carrega “o continuum de nossa própria existência” (2013, p. 56). Assim, a História é ontem, mas também é hoje, porque ela *re-apresenta*, ou seja, apresenta no presente, deslizando e complexificando textos e contextos. Por isso mesmo é tão convergente ao regime de representações das Artes. Um cachimbo não é um cachimbo, nos mostra René Magritte, porque mais do que cópia, ele aciona uma infinitude de cachimbos, internos e externos, imaginados, lembrados ou... projetados.

Sim, porque entre Imaginação e História, projetam-se futuros, seja na mera formulação de hipóteses, seja na investigação de pistas passadas para que se especule ou vislumbre pontos de mudança no amanhã. Hoje, a História nos ensina que o advento da fotografia foi fundamental para que a pintura passasse do realismo ao modernismo, vanguarda que, como tal, partia da imaginação de diferentes rupturas com a tradição, com passados consolidados e repetidos. Se Imaginação e História carregam essa genética indagatória em comum, a apresentação desses termos como pauta atualmente não pode deixar de observar a dicotomia apontada por Hobsbawm — existe diferença clara entre fato e ficção e cabe ao historiador delinear-las. O contraponto, por sua vez, está reservado às artes:

embaralhar indagações objetivas e subjetivas, deixando como matéria a obra, registro passível da mais desafiadora historicização: aquela que visa decifrar o que é ser e o que é mundo nessa outra existência que sobrevive ao artista, que tem vida própria.

Em 1977, na aula inaugural de Roland Barthes na cadeira de Semiologia Literária no *Collège de France*, o poeta-professor começou dizendo que a honra de assumir tão importante função pode ser imerecida, mas a alegria é sempre verdadeira (2013, p. 8). Nos sentimos um pouco assim, ao assumir a organização deste dossiê: com o que poderíamos contribuir, além dos nossos interesses pessoais compartilhados e da nossa energia dispendida ao longo destes intensos seis meses de leituras, conversas, indicações, sugestões, releituras, sorrisos, frustrações e empolgações?

Talvez por estarmos em um trio, com diferentes sóis — em câncer, em libra e em aquário, formamos uma equipe que era simultaneamente emocional, ponderada e do contra. Um pouco contraditório, talvez? Mas pelo menos uma pessoa entre nós se satisfaz sempre em contrariar... E, tirando o fato de que isso às vezes é exaustivo, nos motivamos a encontrar consensos e contribuir da maneira mais positiva possível. Porque, como também disse Barthes, é na própria existência dos padrões e da cultura que a *trapaça* deve acontecer para que a gente enxergue a beleza da diferença e da diversidade. Como advogamos por artes e culturas diversas, citamos novamente nosso professor-poeta:

a nós [...] só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura (Barthes, 2013, p. 17).

Barthes se referia à literatura porque era a sua área de devoção, mas nós ampliamos o alcance da afirmação propondo a substituição da palavra por *artes*. Ou seja, defendemos que é no jogo e na prática artística que podemos imaginar e reimaginar os mundos e as possibilidades; é também na pesquisa e na ciência das artes que devemos exercitar nossa criatividade. Assim sendo, esperamos que ninguém possa nos acusar de falta de criatividade e de imaginação... porque estas seriam ofensas que nos machucariam!

Queríamos um dossiê que tratasse de histórias — relatos, análises, investigações — sobre diferentes tipos de imagens — visuais, auditivas, táteis, olfativas, mentais, sensoriais, abstratas etc. Não sabíamos muito bem aonde chegaríamos com isso, já que partíamos de interesses muito particulares. Contudo, esperávamos que, ao lançar essa garrafa ao mar,

nossa sinalização encontrasse outras pessoas que fazem pesquisa acadêmica sobre artes e que possuíssem um interesse similar pelo gesto de fabular, de especular e de narrar — histórias, mundos, possibilidades, criações. Para nossa surpresa e alegria, conseguimos reunir neste dossiê vinte e quatro (!) textos relacionados à nossa proposta. Todos eles dialogam com histórias e imaginações, mas cada um à sua maneira, abordando materiais muito específicos.

Na tentativa de identificar recorrências entre as abordagens e segmentar o dossiê em blocos temáticos, percebemos algumas características comuns. A partir disso, identificamos quatro blocos principais: Corporalidades, Visualidades, Audiovisualidades e Historicidades.

No primeiro bloco, intitulado **Corporalidades**, temos textos que abordam expressões a partir do próprio corpo humano em cena. Estes textos exploram desde espetáculos teatrais e de dança até as modificações corporais, como são as tatuagens. Cada artigo investiga como o corpo se torna uma tela viva, um meio de expressão artística que comunica por meio de gestos, movimentos e marcas permanentes.

Em **Visualidades**, os artigos tratam das expressões visuais em superfícies planas ou tridimensionais, abrangendo pintura, ilustração, escultura e outras imagens visuais. Estes textos promovem reflexões profundas sobre o fazer artístico e a circulação dessas obras, questionando como as imagens impactam a percepção do público e como os artistas se comunicam através de suas criações. Há uma ênfase especial na materialidade das obras e na relação entre técnica e mensagem.

Os dois blocos seguintes enfocam o cinema e mídias relacionadas, mas com abordagens distintas. Em **Audiovisualidades**, os artigos são focados em análises do fazer artístico, discutindo as escolhas de artistas que trabalham com imagens e sons sincronizados. Estes textos examinam como o audiovisual pode ser um poderoso meio de expressão, explorando a interação entre imagem, som e narrativa para criar experiências imersivas e emocionantes, partindo de diferentes situações, sejam observações documentais, traumas vividos ou gestos absolutamente ficcionais.

Por outro lado, **Historicidades** apresenta uma perspectiva mais ampla, analisando estruturas maiores do audiovisual em seus diferentes contextos socioculturais. Este bloco propõe novas abordagens históricas e também questiona as práticas desta, sejam elas presentes em livros ou filmes. Os artigos investigam como a história do audiovisual é escrita,

quem são os autores dessas narrativas e quais são as implicações dessas histórias para a compreensão do cinema e das mídias contemporâneas.

A diversidade de temas e abordagens presentes neste dossiê reflete a riqueza e a complexidade das artes como campo de estudo nesta terceira década do século XXI, no Brasil. Cada artigo, à sua maneira, contribui para um entendimento mais profundo das inúmeras formas de expressão artística e das histórias que elas contam. Através deste dossiê, esperamos inspirar novos diálogos e pesquisas que continuem a explorar e expandir os limites do que entendemos por arte e narrativa, história e imaginação.

É com grande satisfação que apresentamos esta coletânea de trabalhos, na esperança de que cada leitor possa encontrar nestas páginas não apenas conhecimento e reflexão, mas também uma fonte de inspiração para suas próprias jornadas acadêmicas e criativas.

Alexandre Rafael Garcia
Álvaro André Zeini Cruz
Juliana Rodrigues Pereira

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre história**. Trad. de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**. Ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. de Paulo Perdigão. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**. Trad. de Sandra G. Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2005.

Alexandre Rafael Garcia

Pesquisador, realizador e professor de cinema. Doutor em História na UFPR, mestre em Multimeios no Instituto de Artes da Unicamp e bacharel em Cinema e Vídeo pela Faculdade de Artes do Paraná. Criador, produtor e diretor da série de vídeo ensaios Dicionário de Cinema e coordenador editorial da Coleção Escrever o Cinema. Autor do livro "Contos morais e o cinema de Éric Rohmer" (A Quadro Edições, 2021). Trabalha com realização cinematográfica nas áreas de direção e produção. Fundou e foi sócio da produtora O Quadro de 2010 a 2015. Foi professor na FAE Centro Universitário (2014-2018) e no Colégio Medianeira (2013-2020). Hoje é professor adjunto na Universidade Estadual do Paraná (Unespar), no curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual e no Programa de Pós-Graduação em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV). É integrante do grupo de pesquisa Cinecriare: Cinema - Criação e Reflexão (Unespar/CNPq).

Álvaro André Zeini Cruz

Doutor e Mestre em Multimeios pela Unicamp — com doutorado-sanduíche pela University of Leeds —, Especialista em Roteiro pela FAAP e Bacharel em Cinema e Vídeo pela Faculdade de Artes do Paraná. Curta-metragista, dirigiu e roteirizou Janelas (2011), Memórias do meu tio (2011), Mimese (2009) e Palhaços (2009). Atuou como roteirista-jr. na empresa Depto. Ficcional; e roteirista-chefe da websérie Dicionário de Cinema. Crítico filiado à Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine). Em 2014, criou a Revista Pós-créditos, na qual se mantém como crítico e editor. É curador do Festival Filma Bauru. Em 2018, foi selecionado pelo Programa Talent Press, realizado pelo Instituto Goethe, Festival do Rio e Berlinale Talents. É autor do romance "Caso o país acabe, envie-me a Haruki Murakami" (2022, Caravana Grupo Editorial) e do "O Apanhador do balcão do Hyde Park" (2021, Revista Torquato). Colaborou com texto para a recente coletânea Cinema Fantástico Brasileiro – 100 Filmes Essenciais. Atua, desde 2014, como professor universitário nas Faculdades Integradas de Bauru (FIB).

Juliana Rodrigues Pereira

Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestra em História pela UFPR (2018). Bacharela em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2007) e em Cinema e Vídeo pela Faculdade de Artes do Paraná (2013). Autora do livro "Notas sobre o estilo de Michelangelo Antonioni" (A Quadro Edições, 2021). Atualmente trabalha como assessora de comunicação na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, além de ser preparadora e editora da Coleção Escrever o Cinema, publicada pela editora A Quadro.